

Dia Internacional dos Monumentos e Sítios

2024

O Dia Internacional dos Monumentos e Sítios é, este ano, dedicado ao tema “Catástrofes e Conflitos à Luz da Carta de Veneza” e de que forma impacta o Património Cultural à escala local e global. Atualmente, enfrentamos uma emergência climática e continuados conflitos bélicos que levam à destruição de locais culturais e à deslocação em massa das populações. É necessário que o Património seja protegido, o seu abandono implica a sua destruição.

Em Portugal enfrentamos desafios exigentes na valorização da Arqueologia e dos trabalhadores de arqueologia, agentes fundamentais para a salvaguarda, proteção e divulgação do Património Cultural, um bem de todos os cidadãos, da sua história e cultura.

Os sucessivos governos têm visto o património com uma lógica mercantilista e de grande contenção orçamental. O subfinanciamento da cultura e do património, em particular, é uma constante. Apesar das denúncias feitas sobre a degradação de monumentos e sítios, a resposta dos últimos anos foi, num primeiro momento, transferir a gestão de muitos monumentos para as autarquias, no processo de descentralização. Naquele momento foram transferidos para os municípios sítios com poucos recursos financeiros e até sem qualquer dotação orçamental. Igualmente, muitos destes sítios foram para a gestão camarária sem quaisquer quadros técnicos com formação especializada para os conservar e valorizar. A lógica era a de que se o Estado Central os tratava mal, as autarquias não fariam pior. Esquecendo-se sempre de que sem investimento e recursos não é possível conservar um sítio.

Mesmo assim alguns monumentos permaneceram sob a gestão da Administração Central. Com a reestruturação do setor público do Património Cultural, os museus e monumentos mais visitados transitaram para a empresa pública Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., enquanto aos demais restou o Património Cultural, I.P. A empresa pública foi dotada de mais recursos, incluindo um necessário reforço de quadros técnicos. Entretanto, os monumentos e sítios sob gestão do PC, I.P. permanecem com um financiamento insuficiente e sem que houvesse a contratação de trabalhadores. Na verdade foi criada uma entidade que gere os museus com maior afluência, localizados nas cidades e com maior atração turística e uma

outra entidade, depauperada, sem organização, sem recursos e que gere os demais monumentos.

Não é admissível a existência de monumentos de primeira e de segunda, escolhidos com base na rentabilidade e na quantidade de visitantes que atrai. Os monumentos e sítios não podem ser vistos sob a lógica do lucro, são antes fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento e da cidadania.

Outra grande ameaça à proteção de monumentos e sítios são a precariedade e os baixos salários dos trabalhadores do setor. A falta de condições de trabalho e a ausência de perspectiva de uma vida melhor são determinantes no abandono da profissão, que resulta numa perda para o Património Cultural. A formação de um profissional do Património é um investimento de toda a sociedade, sendo o seu conhecimento imprescindível para que possamos conservar, conhecer e valorizar os sítios arqueológicos e os monumentos. Infelizmente, a precariedade se faz presente nos museus, nas escavações, nas obras, nos centros de investigação e nas universidades, não pode ser a regra no setor da Arqueologia!

Sendo a formação um elemento essencial na proteção do Património Arqueológico, estamos perante um dos exemplos mais gritantes do abandono e da falta de políticas pública: Escola Profissional de Arqueologia do Freixo. Com uma localização ímpar, junto ao sítio arqueológico de Tongóbriga, a EPA foi sofrendo com a falta de investimento e de estratégias que permitissem que os alunos viessem nela estudar. A escola não tem novos estudantes, está fechada.

Apesar de ter formado várias turmas de técnicos de Arqueologia, muitos atualmente a trabalhar no setor, de norte a sul do país, a EPA foi deixando de conseguir ter alunos. Mesmo que durante muito tempo fosse a única a formar técnicos de Arqueologia, mesmo que a sua qualidade formativa fosse conhecida por todo o setor da Arqueologia.

Mas não podemos nos resignar com este destino. É preciso que haja condições para receber os alunos, que exista uma residência, que haja apoios para quem venha estudar, que exista investimento na escola e valorização dos seus trabalhadores.

A fruição dos monumentos e sítios pelos cidadãos só é possível com o trabalho dos profissionais, com o seu conhecimento. Não há Património

Cultural sem trabalhadores, como são os técnicos de Arqueologia. A Escola Profissional de Arqueologia do Freixo faz falta.

Por isto, no Dia Internacional dos Monumentos e Sítios lutamos pela proteção e valorização do Património Cultural, dos sítios arqueológicos, dos monumentos e dos seus trabalhadores. O STARQ reconhece o valor dos jovens em formação na área e dos seus profissionais do setor privado e público, dos que conservam, dos que investigam, dos que escavam e dos que ensinam. Continuaremos a lutar para que a Escola Profissional de Arqueologia reabra e volte a formar profissionais!

Pelos trabalhadores!

Pelo Património!

Pela Escola Profissional de Arqueologia!

A luta continua!